



SECCÃO GRAFICA

Departamento de Cultura

Restaurado e Encadernado

em 28 / 4 / 1939

Ex Libris



Rubens Borba  
Alves de Moraes





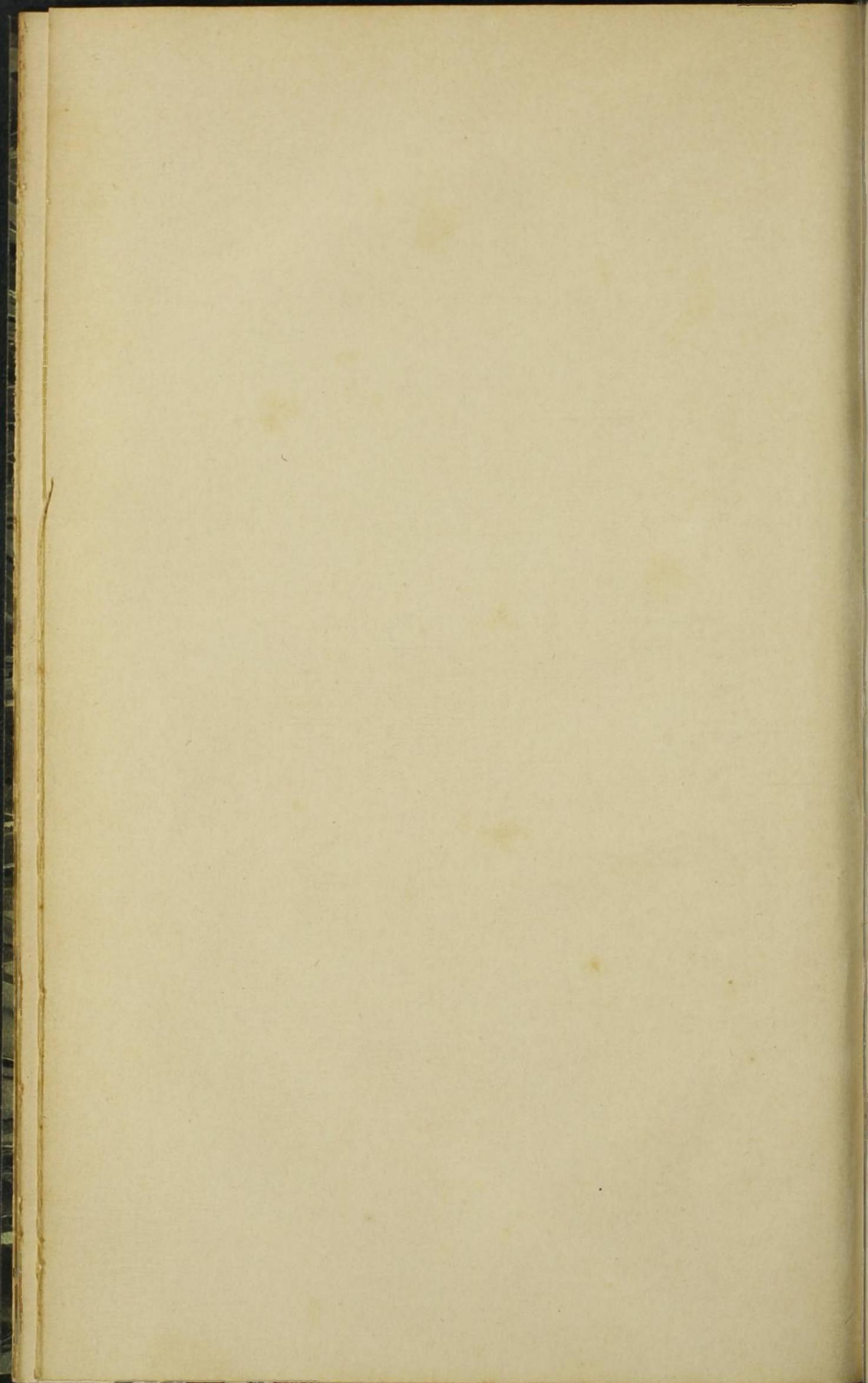












# NICTEROY

Metamorphose do Rio-de-Janeiro

COMPOSTA E ANOTADA

POR

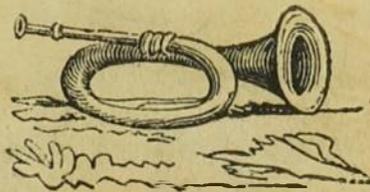
---

JANUARIO DA CUNHA BARBOSA,  
PRESBITERO SECULAR NATURAL DO RIO-DE-JANEIRO.

---

*Dedicada a seu Amigo, e Patricio*

JOSE MARCELINO GONCALVES.



LONDRES.

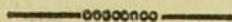
IMPRESSO POR R. GREENLAW, 36, HOLBORN.

---

1822.



## ARGUMENTO.



NICTEROY filho do Gigante Minas e de Atlantida, era nascido de poucos dias, quando seu Páe foi morto por Marte na guerra dos Gigantes. Neptuno tocado das lagrimas de Atlantida, o fez criar em terras desconhecidas, que depois se chamáraõ Brazil. Nicteroy, crescendo, tentou vingar a morte de seu Páe renovando a guerra. Com este fim, com muita anticipaçã e segredo, juntou pedras sobre pedras, que ainda fóрмаõ a Serra chamada dos Orgaõs. Jupiter, conhecendo os seus intentos, o matou com um raio, quando elle estava sobre aquelle cumulo de penedos meditando na empreza. O seu corpo tombou sobre um valle, que hoje he bahia do seu nome, porque Neptuno o converteu em mar, cedendo ás supplicas de Atlantida, e marcando a sua separaçã do Oceano, com o grande

rochedo, que fora arancado por Nicteroy para ser arremessado á Marte, e que com elle desabára da Serra. Glauco, para consolar Atlantida, prophetiza a gloria do Brazil, e com especialidade a do lugar, em que seu filho fora convertido em mar, principiando pela descobérta de Pedr' Alves Cabral, athe o nascimento da Serenissima Senhora Princesa da Beira, enlaçados os Troncos de Bragança e d' Austria. Finda a Prophecia, Atlantida he reconhecida Nimpha Maritima.

*Aut famam sequere, aut sibi convenientia finge.*

HORAT.



NICTEROY.

---

METAMORPHOSE DO RIO-DE-JANEIRO

---

Nes braços maternas, nascido apenas,  
Jazia Nicteroy,(1) Saturnea próle,  
Quando Mimas(2) seu Páe, Gigante enórme,  
Que ao Ceo com maõ soberba arremessára  
A flamigera Lemnos, arrancada  
Dos mares no furor de guerra impia,  
Tingio de sangue as aguas, salpicando  
De seu cerebro o Ossa,(3) o Olimpo, e o Otrys,  
Ferido pelo ferro, com que Marte  
Vingou de Jóve a injuria em morte acérba.

Lamentando-se Atlantida(4) apertava  
Ao peito o filho, palida temendo  
Trisulcos raios, qu'inda acêzos via.  
Ouvio seu pranto o Rey do argentic Lago,  
E o tenro infante compassivo acólhe.

No chòque horrivel, que dos Phlegros(5) campos  
 O mundo sobre os pólhos abalára  
 Surgiraõ(6) novas terras, novos mares  
 Cobriraõ Reinos, Ilhas, Cabos, Brenhas.  
 Neptuno áponta a Plága rica e vásta  
 Do sepulcro do Sol erguida á pouco,  
 Inda madida e nova, ind'ignorada  
 Dos homens e do mundo ; aqui se abriga  
 A estirpe illustre em Mimas profligada  
 Que o justo e paternal intento herdára.

Cresceo co'idade a força, a raiva, e o brio ;  
 Da illustre geraçaõ fervendo o sangue  
 Nas veias da Titanca(7) occulta próle,  
 Refórça o braço, que arduas féras dôma,  
 Que troncos mil escácha, abáte, e arranca  
 Mudando o assento ás róchas alterozas.  
 Cinge a frente ao robusto altivo Jóven  
 Cocar plumoso ornado de Amathystas ;  
 Diamantino fulgor contrasta o brilho  
 De Esmeraldas, Rubins, Topazios loiros,  
 Que a rica Zona marchotando enfeitaõ.  
 Negra côma lhe-desce aos ventos sôlta  
 Repartida vestindo os largos hombros ;

Nas faces brilha mocidade imberbe,  
 E a côr, que as tinge, por que o Sol as crêsta,  
 Semelha o còbre lucido polido.  
 Nos olhos tem-se os vividos intentos,  
 Que de Mimas herdára, e occultos jazem  
 No grande coração, qu' a injuria abáfa.  
 O esbelto cóllo tres gorgeiras prendem  
 D'oiro e prata, e manilhas d'oiro e gemas  
 Os musculosos braços lhe guarnecem.  
 Apérta o ventre nú, reveste a cinta  
 Fraldaõ tecido de vistozas pennas ;  
 Mosqueada pelle hum tiracollo fórma,  
 De que pende em carcaz cavado dente  
 De monstro horrendo pelo mar gerado.  
 Nicteroy daqui tira hervadas sétas,  
 Em que as féras certo a morte envia,  
 Quando as Brenhas perlustra, e o Bosque, e o Prado.  
 Empunha a dextra maõ robusto tronco  
 Dos ramos mal despido ; he esta a clava,  
 Que abáte os Tigres, os Dragoens, e as Serpes  
 Mais pronto do que em Lerna o féro Alcides.

Grato á Neptuno pressuroso entórna  
 Dos altos montes rios caudalosos,

Que pujantes ao mar tributos lévaõ ;  
 Tortuosa marcha Nicteroy lhes-sulca  
 Por onde correm placidos os campos,  
 Depois que em negras firmes penedias  
 Tropeçando furiosos s'indignáraõ,  
 De branca escuma as margens allagando.  
 Surgem co' as aguas, do thezoiro occulto  
 Nas entranhas da terra intata e nova,  
 Luzentes pedras e oiro, qu' abrilhantaõ  
 As curvas, brancas, arenosas praias,  
 Em que o feudo Neptuno aceita e guarda.  
 Já prétende vingar a infausta morte  
 Que ainda Phlegra eterniza, e Marte acúza ;  
 Nem perde a vista do Syderio Throno,  
 Herança paternal, de qu' expellida  
 Fora por Jóve de Saturno a próle.  
 Justiça e força os animos lhe acendem,  
 Cauteloso se aprésta, e dá-se á empreza  
 Dispondo aos Ceos o ataque occulto e forte.

Trezentos Megaterios,(8) cem Mamoths,(9)  
 Domados por seu braço ao mar arrastraõ  
 Ingentes negras pedras, qu' encorpóra  
 Promontorios formando, donde espreita

De Jóve o ciume, e de Mavórte as iras.  
 Aqui se affundaõ Lagos rabalçando  
 Estofas negras aguas sonolentas,  
 Que habitaõ bronzeos Jacarés, e Monstros  
 De horrendo e tôrpe aspecto; d'alli surgem  
 Escarpados rochedos, em qu' as ondas  
 Rebentando furiosas o ar atrôaõ  
 Mugindo horriveis, revolvendo as Costas.  
 Altas Serras do Norte ao Sul prolonga  
 Sobre as nuvens erguendo-se azuladas;  
 Recortados penedos lhes guarnecem  
 Mil cabêços, que os Ceos roçando afrontaõ,  
 De guerreiros merloens vestindo os muros.  
 Novas róchas ao mar d'aqui se ajuntaõ,  
 De espasso a'espasso o Reino dividindo,  
 Possantes botaréos, que a maõ robusta  
 Do soberbo Gigante ás Serras déra :  
 Fechadas selvas cóbrem amplos valles,  
 D'onde avultaõ mil ingremes Castellos  
 Sobindo de huma, e de outra parte ás nuvens.  
 Urraõ Tigres furiosos, que retousaõ  
 Nas horriveis cavernas, aballando  
 Pedras, Troncos, Rochedos, Valles, Rios;

Silvaõ negras Giboias corpulentas  
Vedando ao bosque emaranhado a entrada.

Contente Nicteroy o ensejo aguarda ;  
Da empreza a gloria o enléva, e meditando  
Na Siderea conquista, devanía.  
La quando o Sol nos mares mergulhava  
Os seus fogosos rapidos Ethontes,  
Corrido ja de Capro o Reino em circ'lo  
A's brenhas pronto o Jóven se encaminha  
D'aqui vaidoso a vista aos Ceos erguendo  
Dos Astros márca a lucida phalange,  
D'aquelle a força, e d'este a raiva obsérva  
Prudente os golpes calculando e os tiros,  
Que em breve disparar pretende ousado.

De Marte o aspecto horrivel se lhe-antólha  
Scintillando guerreiro, irado, e forte ;  
Inda a lança, que enristra, o sangue empana  
De Mimas, qu' á vingança o Filho excita.  
Arde o peito em furor ; he fogo, e chama,  
Que abraza, queima, e devorando assôma ;  
Penedo grave arranca, á Marte o assésta,  
Firmando os pes os braços retorcendo,

Encravados no inimigo o intento e os olhos.  
 Atálha o Ceo a estolida ousadia ;  
 Eis subito claraõ do etherco assento  
 As nuvens rásga rapido e estrondoso ;  
 Bráma Jóve iracundo, sacudindo  
 Da rubra dextra o raio acêso e pronto.  
 Baquêa o gram colósso, arqueja e treme,  
 Varado o peito e o coração, qu' entérnaõ  
 Borbotoens d'atro sangue espumeo e quente.  
 Mordendo as róchas urra e se debáte,  
 Mas a vida lhe fôge, e a fôrça, e a raiva.  
 Tomba d'altas montanhas despenhado,  
 Frondosos troncos, pedras arrastrando,  
 Que ao corpo enórme, enórme estrada abrireaõ.  
 Ao baque horrivel tremem terra e mares,  
 E largo tempo ao longe ressoando,  
 Nos fundos vitreos paços apavóraõ(10)  
 Amphitrite, Nereidas, Tethys, Glauco.  
 Tritaõ ligeiro á flor das aguas náda,  
 Voltando á praia o rosto obsérva e admira  
 Fulgurando d'istante a instante a Serra,  
 Que a chama crésta, e negro sangue escórre.  
 Horrendo corpo ressupino avista  
 Que entallaõ terra e pedras, qu' enche e occúpa

Do feio bosque ao mar estenso espasso.  
 Inda o grande penedo, qu' arrojava  
 Segura a dextra mórtá; ind'horriza  
 Medonho e féro o aspecto aos Ceos voltado.

Eis carpindo-se Atlantida commóve  
 Do equoreo Reino o lindo Coro á magua;  
 Perdida a cor das faces, desgrenhada,  
 Transida e bella os olhos lhe retrátaõ  
 Ternura maternal, que o peito nutre.  
 Convulsa móve os passos, maisturando  
 Com pranto amárgo as vozes, que lhe troncaõ  
 Amiúdados suspiros; eis, Neptuno,  
 Eis de Jóve o rancor (excláma, e chóra;)  
 Nicteroy insepulto, e sobre hum campo  
 De hum raio jaz ferido! A estirpe Augusta  
 Do Páe dos Deoses, hoje acába, expira  
 No forte surprehendido illustre Jóven.  
 Vingar paterna injuria foi seu crime,  
 Ao crime excéde a pena, se não valles  
 A mal fadada Atlantida, que escudas.  
 Pôde Encelado(11) aos Ceos arremessar-se  
 Com força e raiva, altivo presumindo  
 Privar do Throno a Jupiter Supremo,

Recobrando o direito ao Sceptro avito.  
 Typheu,(12) Adamastor,(13) Otho,(14) poderaõ  
 Soberbos guerrear na empreza affeitos ;  
 Conturbáraõ, mudando a face á terra,  
 Montanhas, Mares, Rios, Astros, Deoses.  
 Baixou dos Ceos terrifica vingança,  
 Mercurio, Pallas, Marte, convertêraõ,  
 Dos impios em castigo, Penhas, Ilhas  
 Que leves sobre as nuvens revoávaõ.  
 Do fundo Averno aquelles bramáõ ; estes  
 A grâves montes sotopóstos vivem.  
 Mas inãda sóbem do Etna(15) inflamado  
 Fumo e chamas, qu' attêstaõ força e brio  
 Do oprimido Gigante, inãda tremendo  
 Em Rhódope,(16) Inarrima,(17) e Creta(18) as torres  
 De seus corpos erguidas eternizaõ  
 Dos Titaens a memoria, a emprêza, e a estirpe.

Nicteroy de Saturno he próle, he sãngue ;  
 E o nome seu a morte ao Lethes dando,  
 Inglorio o roubará do mundo á fama ?  
 Raivosas féras ja tal vez devórem  
 Seu corpo exangue, e ja crocitem perto  
 Em bandos mil carnivoros Abutres ;

Branquejando os seus ossos tal vez móstrem  
 Em dias, que o futuro esconde aos homens  
 De ingente monstro horrífico esqueleto ;  
 E a tanto sobiraõ de Jóve as iras ?  
 Dá que a Fama o célebre, dá Neptuno...  
 Recrésce o pranto, a fráca voz lh'embárga,  
 As mãos suplice estende, e afflictos vertem  
 Os lindos olhos lagrimas, que suprem  
 Confuzos termos, qu'em seus labios mórrem.

Suspira entaçõ Neptuno, e meigo abraça  
 A lastimosa Atlantida, rompendo  
 Morno silencio, que suspende e enluta  
 A maritima Corte. He justo, (exclama)  
 He justo sim, que viva eternizado  
 No mundo o filho teu, qu' outr'hora fóra  
 Por mim da morte injusta occulto e salvo.  
 O pranto enxúga pois, Neptuno attende  
 A Mãe de Nicteroy formosa e mésta ;  
 Castiga Jóve hum crime, e não consente  
 Que sobre a terra acabe o nome, a fama  
 De hum filho, que a vingar seu Páe s'erguera ;  
 Foi de Mimas herança a força e o brio,  
 Mimas vive lembrado em Phlegra, em Lemnos,

Vivirá Nicteroy lembrado e eterno  
 Na Serra, e Valle, e Rócha, que apontára  
 Ao terrífico Marte, em furia acêso.  
 A hum justo pranto hum justo aprêço he dado,  
 Ternura maternal te affoita, e eu quero  
 Do morto filho a gloria eternizando,  
 Mostrar que abrigo Heróe, de Heroes nascido.

De Phebo a luz doirava a Serra e as Brenhas,  
 Dos picos mais erguidos dissipando  
 Nocturna branca nevoa, que descia  
 Ao verde prado, entãõ Neptuno surge  
 Na argentea Conxa, qu'Hyppocampos tîraõ  
 Os crespos mares(19) aplainando, e abrindo  
 Ruidosa marcha, qu'alva escuma cõbre  
 D'aqui vaidosos negros Phócas nádaõ  
 No dorso sobre as ondas levantando  
 Cymódóce, Melite, Spio, Nisea;  
 Escamosos Delphins dalli se ostentaõ,  
 Que em torno as aguas assoprando espargem  
 Dos ares sobre as Nimphas; Glauco, Phórco,  
 Palemon e os Tritoens, em turmas seguem.

Defrontaõ ja co' a praia, e campo, e Serra;

Desmaia a linda Atlantida banhando  
 Em novo acérbo pranto a face e o peito ;  
 Qual flor nocturna e bella, qu'orvallhada  
 Nos jardins se aprazia, e ao Sol murchando,  
 A galla pérde, inclina-se empellida  
 Do brando vento ao sopro, que a affagáva.  
 Neptuno as mãos lhe toma, aperta, beija,  
 E ao hirto corpo entaõ a vista alonga ;  
 O' virtude de hum Deos ! O' força ! O' pasmo !  
 Desfaz-se o gram cadaver pronto em agua,  
 Que frve, salta, muge, avulla, e açoita  
 Os valles, selvas, montes, brenhas, róchas.  
 No estenso mar, que o verde campo alága  
 De espasso á espasso á vistaõ-se os penedos  
 Derrocados por Jupiter Tonante.  
 Ao novo mar garganta nova se ábre,  
 Ferindo a Costa o valido Tridente  
 Junto á rócha, que á Marte se asséstara,  
 E qu'inda ao mar voltada as nuvens busca.  
 Em confuso marulho, em gróssas ondas  
 Descendo as aguas rapidas enfiaõ  
 A estreita foz, qu' as sólta aos mares ; Glauco,  
 Qu'em cem Rios(20) banhar-se Tethys manda,  
 Porqu' este so faltava, alegre salta,

Expoem ligeiro á tumida corrente  
 O peito largo e cerulo, qu'a québra  
 Forçando as aguas, dividindo a escuma.  
 Da hirsuta grenha verdes Algas descem  
 Assombrando-lhe a tésta, a face, e os olhos,  
 (Os olhos, em que Scylla encantos via  
 Raivoso ciume em Circe(21) despertando.)  
 A barba negra esqualida goteja  
 Salgada limpha dentre os limos prenhes.  
 Ramoso tronco de coral na dextra  
 Levanta aos ares, co' a sinistra rêma,  
 Pairando sobre as ondas, que lh'escondem  
 D'atro peixe escamosa cauda e longa. (22)

Ind'alto pasmo os animos enléva,  
 E já murmura placida a corrente,  
 Igualando-se ao mar soberbo o Lago  
 Na foz, que a rócha fraldejando affága,  
 Quando Glauco o silencio rompe, exclama,  
 Do peito alegres vozes desprendendo  
 Que o trespasso d'Atlantida terminaõ.  
 "Eis Divino furor m'impelle e agíta,  
 "Deoses, Nereidas, escutai meu canto ;

“ Celeste fogo os ossos me percórre,  
 “ Divina inspiraçaõ na mente eu sinto,  
 “ Vigor mais nobre e santo me arrebâta,  
 “ Do qu'esse, que d'Anthedon(23) me arrancára,  
 “ De occultas hervas, por virtude occulta.  
 “ Das novas aguas mago influxo tenho,  
 “ Ja sou Propheta e Deos, eu vejo, eu vejo  
 “ De par em par abértas aos meos olhos  
 “ As ferreas pórtas d'hum porvir distante.  
 “ Exulta, exulta, Atlantida, que a Fama  
 “ Do morto filho teu sublima a gloria  
 “ E eterno o Lago faz, eterno o nome.  
 “ Troveje em vaõ Mavorte sobre a Serra,  
 “ Em vaõ raivoso emprégue a lança e a força  
 “ No grãm rochedo, qu'alto feito attésta ;  
 “ Immortal ficarás, ó pedra, e ao longe(24)  
 “ Do novo Rio a barra assinalando  
 “ Nicteroy lembrarâs aos Ceos e ao Mundo.

“ Ministerio novo e grande eu vejo e admiro ;  
 “ Brilhantes feitos surgem refulgindo  
 “ Das Urnas, qu'inda o Fado aos homens véda.  
 “ Rompem qu'ilhas soberbas negros mares

- “ Pasmosa marcha enderessando afoitas ;  
 “ Domada a furia aos Euros, Lusos fortes,  
 “ Nos Ceos pregada a vista, e as mãos no Léme,  
 “ D’Aurora ao berço impavidos proejaõ.  
 “ Eis subita procella o Fado excita  
 “ Propicia e rija os lenhos empuchando  
 “ A’ nova Plaga e occulta ; eu oiço, eu oiço  
 “ O alegre som dos vivas com qu’arvóra  
 “ Sobre as praias Cabral(25) a Cruz e as Quinas.  
 “ (A Cruz, que á Plága dá virtude e nome,  
 “ Nome,(26) qu’atr’ ambição trocando, vive  
 “ Nos penedos, qu’a’ dextra o Rio apertaõ  
 “ D’esta ábra ingente, qu’alta gloria espera.)  
 “ Lobriga Marte a lucida grandeza,  
 “ Que do inimigo o recinto abrilhantando,  
 “ Da victoria o valor lhe abáte e a fama ;  
 “ Eis pronto Alectrion(27) mandado espreita,  
 “ Do verde Lago em meio, em torre erguida,  
 “ O mar, a terra, e as brenhas ; mas que póde  
 “ Da vingança o furor ; se o Fado he contra ?  
 “ Mem(28) de Sá daqui surge, he fogo, e raio ;  
 “ Desmantella-se a torre, o Gallo escápa ;  
 “ La cresce a gram Cidade, que nas aguas

“ Do famoso Gigante retratada,  
 “ D’altos montes as fraldas bórda, e as praias.  
 “ D’hum Jóven bravo e Santo o nome aceita,  
 “ Sem perder o de Rio ao Lago imposto ;  
 “ Aqui se ostenta provida a Natura,  
 “ Thezoiros nóvos d’alto preço abrindo  
 “ No florido matiz do campo e sélva.  
 “ Aqui do Inverno a rispida melena  
 “ Naõ sacóde a Saraiva, a Neve, e o Gello.  
 “ De eterna pompa as arvores se arreaõ,  
 “ Pomos e Flores de seus ramos pendem  
 “ Quaes nunca o Horto Esperido guardára.

“ O’ como avulta em gloria ! O’ como a illustraõ  
 “ Heroicos Filhos, que o seu gremeio adórnaõ ?  
 “ Nem só Roma verá(29) Sulpicios nobres  
 “ Comprando(30) a gram Cidade á pezo d’oiro,  
 “ Que de Breno a ambiçaõ e a espada agrávaõ.  
 “ A mesma ingente gloria, qu’assinála  
 “ De Romulo o sepulcro(31) illustra e márca  
 “ As auriverdes Nicteroicas aguas,  
 “ Da Patria e da Naçaõ o Amor florece  
 “ Do Rio sobre as margens ; Ah ! saõ Lusos

“ D’antigo Tronco ramos, que prospéraõ

“ Sem perder a virtude, a força, e o brio.

“ O’ como avulta em gloria ! O’ como a illustraõ

“ Do seu governo as redeas manejando,

“ Incansaveis Andrades!(32) Cunhas(33) duros!

“ Tu pacato Rolim!(34) activo Almeida,(35)

“ Que mais amplo poder regendo éllevas

“ A Cultura, o Commercio, as Armas, tudo

“ A hum lustre, que o teu nome aclára, e afâma.

“ Nem cede em zelo hum Vasconcellos(36) déxtro,

“ Que o vicio espánca, e as artes acolhendo,

“ Anima o Genio, qu’eterniza a gloria

“ Da florente Cidade. Hum Castro(37) eu vejo

“ Melancholico e forte. Hum Sabio admiro

“ Do Rey, da Patria amigo ; esteio adorno

“ Do Throno e da Naçaõ ; thezoiro excelso

“ De virtudes sublimes ; que áma o Sabio,

“ O Justo ábraça, Portugal(38) seu nome

“ Na lembrança dos bons fulgura e vive.

“ Tu guerreiro Noronha(39) as redeas tomas,

“ Prudente, firme, e proseguindo ostentas

“ Saber profundo, Amor, Virtude, e Genio.

“ O’ como avulta em gloria! Ah! novos Fástos  
 “ Do filho teu, Atlantida enobrecem  
 “ No mundo, o Lago, qu’hoje occulto admiras.  
 “ Dias mais bellos no por-vir s’antólhaõ,  
 “ E o Fado áponta hum seculo ditoso,  
 “ Em qu’a Elizia disputa a fama o Rio.  
 “ Eis amplo assento e baze d’aureo Throno,  
 “ Qu’escoltaõ sempre lucidas virtudes;  
 “ Aqui médra e florece em força em gloria  
 “ Esse Tronco, que o Ceo plantára outr’hora  
 “ No heroico Sólo em que troveja a guerra.  
 “ Ja d’entre as mãos d’hum Pelias,(40) qu’empolgava  
 “ Nova Iolcos no Tejo astuto e forte,  
 “ Hum mais nobre Jason mais sabio escápa.  
 “ Perdendo o nome, ao Rio inveja Colchos  
 “ Varaõ mais digno d’aurea fama; surge  
 “ Das negras mãos d’horrenda tempestade(41)  
 “ Hum dia, que do mundo a sorte muda.  
 “ Salve, o’ dia feliz! ditoso dia,  
 “ Que mais ampla carreira ao Genio abrindo,  
 “ No velho mundo o esforço despertando,  
 “ A paz do Globo proxima asseguras.  
 “ Salve, Princepe Excelso, que ’abrilhántas

“ Com justo Sceptro e Croa, a Plága e o Lago,  
 “ Em qu’hoje o Fado o teu poder m’inculca.  
 “ Eternizaõ-te o nome a historia a fama,  
 “ Epóca illustre assinalando aos póvos  
 “ No vasto e rico Imperio, qu’érgues Sabio.  
 “ Vejo às Quinas, qu’ ao Indo, e ao Ganges dávaõ  
 “ Terror, desmaio, floreando ovantes  
 “ Das Náos dos Albuquerque, Castros, Gamas,  
 “ Sublimadas na Esphéra, agora dando  
 “ Do novo Reino Brasileiro o indicio.(42)  
 “ Vejo hum Rey acclamar-se(43) o’ pasmo! o’ gloria!  
 “ Seraõ d’Ourique os campos estas margens,  
 “ Que só Natura esmálta agora e veste?  
 “ Revive Affonço acazo! He este o Tejo?  
 “ He este o Luso Heroe, qu’hum Throno funda  
 “ Sem dos Evos temer o estrago, e a força?  
 “ Fulgúra o Ceo d’Ourique; a Cruz se adóra  
 “ D’igneos raios vestido, Santa, e bella.  
 “ D’alta noite rompendo o veo nubloso,  
 “ Reflécte a luz nas Armas Luzitanas.  
 “ Cerrados esquadroens desmáiaõ fógem  
 “ Eclipsadas as Luas, cresce o esforço  
 “ Que o novo Reino Portuguez elléva.

“ Ferindo o escudo e as armas mil guerreiros  
 “ La saúdaõ Monarca Affonço, o invicto,  
 “ Que o Ceo protége, e a terra admira e acclâma,  
 “ Auspicio igual aqui respeita o Rio;  
 “ Luminoso Cruzeiro ao Sul refulge,  
 “ Do novo Reino a gloria eternizando,  
 “ Que hum Principe esforçado assenta e áfirma,  
 “ Cingindo a Croa e a Purpura, que adórnaõ  
 “ Eternos brilhos de virtude avita.

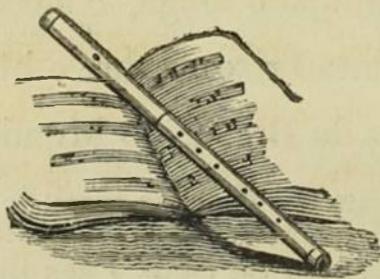
“ AO GRANDE, AO SEXTO JOAÕ, que n'esta Plága  
 “ Primeiro ao Regio Throno sóbe, o mundo  
 “ Erguendo as vistas respeitoso acáta:  
 “ Nicteroy, Nicteroy, hum Throno, hum Reino,  
 “ Que a Cruz deffende, e hum Sabio escóra, e áfama,  
 “ Do Lago teu nas margens brilha, e cresce.

“ Vejo a gloria esmaltando a Estirpe Augusta  
 “ Do Regio Bragantino e Excelso Tronco;  
 “ Nova estrella enriquece o Ceo do Rio,(44)  
 “ Taõ bella como a d'Alva, taõ formoza,  
 “ Como a gema engastada em oiro ou prata.  
 “ Do mar desponta, he Venus, e os Amores

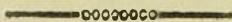
“ Em torno brinçãõ, do Danubio a séguem;  
 “ Ja d’hum Principe Heroico aos braços chega,  
 “ E o Ceo, que os liga d’Hymeneo có os laços,  
 “ Em reciproco Amor, em grato auspicio,  
 “ Perduravel grandeza ao Rio augúra.  
 “ Nem me occulta o Futuro ou Fado arcanos,  
 “ Que a mente em Santo fogo ardendo ancêãõ;  
 “ Prospéra, O’ par ditoso! Exulta, O’ Plága,  
 “ Que o Ceo de bençãõs enriquece e exálta!  
 “ Claraõ de eterna gloria os Evos doira,  
 “ Despontaõ mais brilhantes novos dias,  
 “ Marcando a Cruz a duraçãõ, qu’escápa  
 “ Aos frouxos ólhos d’indagar cansados.  
 “ Penhor(45) Augusto vejo, acato, e admiro!  
 “ Ternura Conjugal o áfága, o abraça;  
 “ Nas faces brinçãõ rizoõ, sobre o bêrço  
 “ Adejaõ vótos do Brazil, do Mundo;  
 “ Traz no sangue de Heróes virtude e graça;  
 “ Lamego o Sceptro de Seus Paes lhe-offrece,  
 “ Concentra a gloria de Bragança e d’Austria.  
 “ Nunca ao Sol, que desponta a linda róza  
 “ D’entre as flores, qu’ esmaltaõ prado ou selva  
 “ Do cerrado botaõ rompeo taõ bella;

“ Nunca, Atlantida, Estrella igual fulgindo,  
“ Nas frescas aguas do Danubio ou Tejo,  
“ Dos póvos mór aplauso óbteve; exulta.”

Tremeo de novo a terra e o mar; Neptuno  
A' Glauco impoem silencio ao ar levanta  
O gram Tridente, abismaõ-se as Nereidas;  
E a Mãe de Nicteroy ao Coro unida  
He nos mares por Deoza conhecida.



# NOTAS



## NOTA (1)

**NICTEROY.**—Esta palavra he Brazilica, e composta de duas; á saber Nictero (que significa escondida) hy (que significa agua). Mas a pronuncia da segunda era muito difficultosa por muito guttural. Era este o nome da Bahia, que Fernando de Magalhaens, e Ruy Faleiro, insigne Mathematico Portuguez, que o acompanhava, porque nella entraraõ no dia 13 de Dezembro do anno de 1519 chamaraõ de Santa Luzia; e Martim Affonço de Souza, porque nella tambem entrára no dia 1.º de Janeiro de 1532, chamou Rio-de-Janeiro, acreditando falsamente ser um Rio, e não huma Bahia.

## NOTA (2)

**MIMAS**—Foi um dos Gigantes, que emprenderão a Conquista do Ceo; o seu nome le-se em Sidonio Apollinario, quando faz a descripção do broquel de Minerva, nos seguintes versos :

“ Hic Pallas Pallanta petit, cui Gorgone visa  
 “ Invenit solidum jam lancea tarda cadaver  
 “ Hic Lemnum pro fratre **MIMAS** contra **Ægida** torquet  
 “ Impulsumque quatit jaculabilis insula Cœlum.”

---

Claudiano na sua Gigantomachia, tambem falla de **Mimas**, e quasi pelos mesmos termos; são estes os seus versos—

“ Occurrit pro fratre **MIMAS**, Lenumque calentem  
 “ Et prope torsisset, si non Mavortia cuspis  
 “ Ante revelato cerebrum fudisset ab ore.”

O epiteto *calentem*, usado por este Poeta, e a noticia de ter havido na tal Ilha uma forja de Vulcauo, dá motivo ao adjectivo *flamigerro*, que agora uso.

## NOTA (3).

OSSA, &c.—O ja citado Sidonio Apollinario falla d'esses montes pela forma seguinte :

“ Missi dum volitant per Astra montes

“ Pindus, Pelion, Ossa, Olympus, Othrys

“ Cum silvis, gregibus, feris, pruinis.”

---

 NOTA (4)

ATLANTIDA — Ilha de que falsaõ Diodoro de Sicilia e Plataõ. A' um Poeta pouco importaõ as discussõens sobre a sua extensia, antiguidade, &c. Segue-se o mais conveniente, quando mais favorece a imaginaçaõ, em obras de mero prazer ; por isso aqui abraço a opiniaõ de aquelles que accreditaõ, que ella existira, e conjecturaõ que fora engolida pelos mares, em algum terremoto, e de que parecem restos as Ilhas dos Açores, que ainda conservaõ signaes volcanicos. O seu nome eternizado nos mares d'entre o Brazil e Africa, dá todo o lugar á converçaõ da Mãe de Nicteroy em Deosa Maritima, com que se feixa a presente metamorphóse.

## NOTA (5)

PHLEGROS—Os antigos assignáão estes campos em diversos lugares, como são a Italia e a Thessalia. Tzetzes os põem na Thracia, e outros no Chersoneso. Diodoro quer que fossem junto de Capua; Polybio, entre Capua e o Vesuvio. Elles são celebres pela guerra dos Gigantes. A terra, diz Lucano, favoreceo aos Ceos, retardando o nascimento de Antheo, para que não vivesse no dia dos Campos Phlegros.

“ .....Coeloque pepercit

“ Quod non Phlegreis Antheum sustulit arvis

---

Propercio tambem diz na Elegia 8.º do Livro 3.º

“ ..... Coeloque minantem

“ Cocum, et Phlegræis Oromedonta jugis.”

---

## NOTA (6)

SURGIRAÕ—Claudio diz assim na sua Gigantomachia.

“ Jam tuba Nymbornm sonuit, jam signa ruendí  
 “ Bis æter, bis terra dedit, confusaque rursus  
 “ Pro Domino natura timet! Discrimina rerum  
 “ Miscet turba potens, nunc insula descriit æquor.  
 “ Nunc scopuli latuere mari. Quot littora restant  
 “ Nuda! quot antiquas mutarunt flumina ripas!”

---

NOTA (7)

**TITANEA, &c.**—Saturno, filho do Ceo e da terra, não querendo consentir outros herdeiros, mais do que elle e seu Irmaõ Titan, mutilou seu Páe com hum golpe de foice. A cobiça, que teve de reinar, foi cauza de que aceitasse a Coroa de Titan, seu Irmaõ mais velho, com a condição de que não criaria filhos máchos; e se algum nascesse, fosse logo devorado. Rhéa, a pezar disto, achou meios, para subtrahir á sua crueldade, Jupiter, Neptuno, e Plutaõ. Titan sabendo, que elle tinha filhos, armou-se, e o fez prezoneiro. Jupiter crescendo, deo liberdade á seu Páe; pouco depois, armando-lhe laços Saturno, temeroso de que em algum tempo o privasse do Throno, foi por Jupiter expellido, e salvou-se entaõ na Italia. Titan era Páe dos Gigantes, que fize-

raõ guerra a Jupiter para se apossarem do Throno, que lhes pertencia, porque seu Páe era mais velho que Saturno, e a condiçaõ imposta, quando lhe-cedera o Governo, era á beneficio de seus filhos os Gigantes.

---

NOTA (8)

**MEGATERIOS**—Assim chama Cuvier aos Animaes quadrupedes monstruosos, cujas ossadas se descóbrem ao Sul d'America, em grande numero. Este celebre Naturalista fez hir de Madrid para Paris, a descripçaõ e dimensaõ exacta de huma ossada completa, que se ácha no Museo Hespanhol; e vendo, depois de serias confrontaçoes, que estes animaes differiaõ muito dos outros, que ja se conheciaõ pelas suas ossadas, chamou-lhes portanto, Megaterios, (féra grande, segnndo a etymologia Grega.)

---

NOTA (9)

**MAMOTHS**—Saõ animaes quadrupedes de extraordinaria grandeza (veja-se o Dictionario de Historia Natu-

ral.) No Brazil tem-se achado algumas das suas ossadas. O P. Aires, na sua *Corographia Brazilica*, diz, que apparecera huma no Rio das Contas ; e a Gazeta desta Corte, de 30 de Junho de 1819, faz menção de outra, quazi completa, desenterrada em Pernambuco.

---

NOTA (10)

VITREOS PAÇOS APAVORAÕ—Escreve Claudiano—

“Horruit Ægeus, Stagnantibus exsilit antris  
 “Longævo cum Patre Tethys, desertaque mansit  
 “Regia Neptuni, famulis veneranda profundis.”

---

NOTA (11)

ENCELADO—Virgilio no seu 3.º Livro da Eneida diz—

“Fama est Enceladi semustum fulmine corpus  
 “Urgeri molle hac, ingentem insuper Ætnam  
 “Impositum, &c.”

---

Claudiano, no roubo de Proserpina, diz tambem á este respeito—

“Ætna giganteos nunquam tacitura triumphos  
 “Enceladi bustum, qui saucia membra revinctus.  
 “Spirat inexhaustum flagranti pectore sulphur.”

---

## NOTA (12)

**TYPHEO**—Escreve Virgilio no Livro 9.º

“Tum sonitu Prochyta alta tremit, durumque cubile  
 “Inarrime, Jovis imperiis imposita Typheo.”

---

## NOTA (13)

**ADAMASTOR**—Le-se em Sidonio Apollinario—

“Porphyriion Pangæa rapit, Rhodopenque *Adamastor*  
 “Strimonio cum fonte levat, veniensque superne  
 “Intorto calidum restinguit fulmine fulmen.”

---

## NOTA (14)

**OTHO**—Virgilio falando deste Gigante castigado em Creta, que era Irmaão de Ephialtes, e filho de Aloins, e de Hephimede, filha de Neptuno, diz assim—

“ Hic et Aloidas geminos immania vidi  
 “ Corpora, qui manibus magnum rescindere Cœlum  
 “ Aggressi, Snperisque Joven detrudere regnis.”

---

Lucano no Livro 5.º de Bello Civili, escreve o seguinte—

“ Ceu Siculus flammis urgentibus Ætnam  
 “ Undat apex: Campana fremens seu saxa vaporat  
 “ Conditus Inarrime æterna molle Typhæus.

e logo depois

“ Antraque letiferi rabiem Typhonis anhelant.”

---

NOTA (15)

ETNA—Lea-se a nota (11)

---

NOTA (16)

RHODOPE—Lea-se a nota (13)

---

NOTA (17)

INARRIMA—Lea-se a nota (16)

## NOTA (18)

CRETA—Lea-se a nota (16)

---

## NOTA (19)

OS CRESPOS MARES APLAINANDO, &c.—Virgílio  
na 5.º da Eneida diz :

“Cæruleo per summa levis volat æquora currus :  
 “Subsidant undæ, tumidumque sub axe tonanti  
 “Sternitur æquor aquis, fugiunt vasto æthere nymbi.  
 “Tum variæ Comitum facies, immania Cete  
 “Et senior Glauci chorus, Inousque, Palemon.  
 .....  
 “Læva tenent Tethys, et Melite, Panopeaque Virgo  
 “Nesee, Spioque, Thaliouque, Cymodoceque.”

---

## NOTA (20)

EM CEM RIOS BANHAR-SE, &c.—São de Ovidio  
os seguintes versos :—

“Dii Mares exceptum socio dignantur honore  
 “Utque mihi quæcumque feram mortalia demant,

“Oceanumque Tethymque rogant. Ego lustror ab illis’

“Et purgant nefas novies mihi carmine dicto,

“Pectora fluminibus jubeor supponere centum.”

---

NOTA (21)

CIRCE—Amou inutilmente a Glauco, por que este se affeiçou de Scylla; aquella Magica, tomada de ciúmes a converteo em Monstro marinho, envenenando a fonte, onde se occultavaõ os dous amantes.

---

NOTA (22)

D'ATRO PEIXE—Virgilio fallando de Tritaõ, deo ideas para o que agóra digo de Glauco. Saõ estes os seus versos.—

“Frons hominem præfert, in pristim desinit alvus,

“Spumea semiferosub pectore murmurat unda.”

## NOTA (23)

ANTHEDON—Ausonio escreve o seguinte—

“ Sic Anthedonius Beotia per freta Glaucus,  
 “ Gramina gustatu postquam exitalia Ciræ  
 “ Expertus, captas moribundis piscibus herbas  
 “ Sumpsit, Carpathium subiit novus accola pontum.  
 “ Ille hamis, et rete petens scrutator operti  
 “ Nereos, æquoream solitus convertere Tethym,  
 “ Inter captivas fluitavit prædo catervas.”

## NOTA (24)

IMMORTAL FICARAS—São imitados de hum quarteto do Dr. Ignacio Joze de Alvarenga, honra das Muzas Brasileiras,—

“ Tu onde o mar e o vento a furia esbarra,  
 “ Sem chamas de rubim, facetas d’hedra,  
 “ Immortal ficaras por mim, o’ pedra,  
 “ Que ao longe ápontas do teu Rio a barra.”

## NOTA (25)

CABRAL—Pedr' Alves Cabral, filho de Fernão Cabral, Adiantado da Provincia da Beira, Senhor de Zurára, e Alcaide Mor de Belmonte, nevegando para a India, mandado pelo Senhor Rey D. Manoel, logo depois da descoberta de Vasco da Gama, com onze Náos, álem da Capitana e Almiranta de Sancho de Tovar, sahindo de Lisboa, depois de muitas honras do seu Rey no dia 9 de Março do anno de 1500, obrigado pelos ventos descahio muito para Oeste, da Equinocial para o Sul, e no dia 24 de Abril foi registando praias nunca vistas. Corria o tempo grosso, e sendo esta incognita, pareceo aquelle mar arriscado; pelo que o General deo o nome de Porto Seguro ao primeiro, que tomaraõ as Náos. Desembarcou entãõ, e entre alegres salvas de Artelharia, erigio-se Altar, cantou-se Missa, e houve Pregaçaõ, á que assistiraõ muito attentos os Indios d'aquella terra, No dia 3 de Maio, no mais alto de huma grande arvore, fez levantar huma Cruz, como bandeira da Fe, com festejo Religioso e Militar, dando á toda a Provincia o nome de Santa Cruz. Despedio com a sua Náo a Gaspar de Lemos para El Rey D. Manoel, com as noticias e amóstras do que achára; deixou n'esta nova terra dous

Portuguezes, que levava degradados, e seguiu para a India no dia 5 de Maio, tendo fineado huma coluna de Marmore, como as que erguia Vasco da Gama.

“Na vida e feitos de El Rey D. Manoel, composta em Latim pelo Bispo D. Jeronimo Ozorio, e traduzida pelo P. Francisco Manoel.”

---

NOTA (26)

NOME, QUE ATRA AMBIÇÃO—A descoberta do Páo Brazil n'este novo Continente, dispertou a ambição commercial, que lhe trocou o nome de—Santa Cruz—dado pelo seu descobridor, pelo nome de—Brazil—que ainda consérva; e posto que ainda se conheçaõ muitos lugares com o nome de Santa Cruz, com tudo agora só se falla da grande Fortaleza, que deffende e feixa a barra do Rio de Janeiro, que tem o nome de Santa Cruz, e que está em frente ao Penedo—Paõ de Assucar.

## NOTA (27)

**ALECTRYON**—Era hum soldado mancebo confidente e favorecido de Marte. Estando huma vez de sentinella, ao tempo que este Deos se achava com Venus, adormeceu, e foi cauza de que Vulcano os tomasse de sobresalto. Marte concebeo d'isto tal sanha, que o metamorphoseou em—Gallo.—A semelhança de nome, que tem todo o lugar n'esta qualidade de Poezia, me fez dar o nome de Alectryon ao Francez—Nicoláo Villagalhon, que, no anno de 1555, se fortificou com outros mais da sua Nação, sobre huma pequena Ilha, que está dentro da Bahia de Nicteroy, fronteira á barra, onde agora se vê a Fortaleza de Nossa Senhora da Conceição, chamada vulgarmente de—Villagalhon—pelo motivo ditto.

## NOTA (28)

**MEM DE SA'**—A Senhora D. Catharina, que governava o Reino de Portugal na menoridade do Senhor Rey D. Sebastião, sabendo que os Francezes se fortificavaẽ

no Rio de Janeiro, como se dice na nota antecedente, mandou a Mem de Sá, segundo Governador Geral do Estado do Brazil, que da Bahia os fosse expulsar, o que elle fez desmanchando-lhes o Forte-Colligni, que Nicoláo Villagalhon, Cavalleiro da Ordem de S. Joáo de Malta, havia fundado, em memoria do celebre Almirante Gaspar de Colligni, accerrimo Protector da Colonia de Calvinistas, que se pretendia estabelecer no Rio de Janeiro. Recolheo-se Mem de Sá, e N. Villagalhon tornou logo, e'ligou-se com os Indios Tamoios, nossos declarados inimigos; foraõ porem novamente expulsos pelo mesmo Mem de Sá, que voltou da Bahia, em socorro de seu Sobrinho Estacio de Sá. Este, que tinha sido mandado pela Senhora D. Catharina para expulsar os Francezes, deffender o porto, e povoar a terra, aquartelou-se junto ao Paõ de Assucar, em hum lugar, que se chamou S. Theodozio, e nunca foi completamente victorioso, a pezar de muitos ataques, que por espasso de dous annos déra ao inimigo. Mas seu Tio vindo da Bahia com nova gente e povoadores, decidio a contenda em dous dias, demollindo os Fortes Vrussumiri e Paranamapucui; entaõ fundou a Cidade, pincipiando-a no morro em que se vê o Castello, e a Sê velha. Ella tomou o nome de S. Sebastiaõ, tanto por ser este o do seu actual Monarca, como por ser a victoria de Mem de Sá

no dia 20 de Janeiro de 1567. Estacio de Sá, primeiro povoador d'esta Cidade morreo no combate; succedeo-lhe Salvador Correa de Sá, tambem Sobrinho de Mem de Sá. O seu governo foi curto, e assim o de Christovão de Barros, que lhe succedeo com patente Regia (primeira, que se passou de Governador do Rio de Janeiro,) cuja jurisdicção terminou no anno de 1572, quando El Key D. Sebastião repartio o Estado do Brazil em dous, ficando a Cidade de S. Sebastião, Capital do Meridional, e este entregue ao Doutor Salema, com jurisdicção sobre as outras Capitánias do Rio Belmonte para o Sul.

---

NOTA (29)

NEM SO ROMA—“Inde, inter Q. Sulpitium Tribunum Militum, et Brenum Regulum Gallorum colloquio transacta res est, et mille pondo auri præterium populi gentibus mox imperaturi factum. Rei fædissime per se adjecta indignitas est: pondera ab Gallis allata iniqua: ei Tribuno recusante additus ab insolente Gallo ponderi gladius; auditaque intolleranda Romanis vox, Væ victis esse.” T. Livii. L. 5.º c. 49.

## NOTA (30)

COMPRANDO—O temor de fazer muito extensa esta obra, juntando-lhe as notas historicas de que he susceptivel, e muito principalmente os Documentos sobre nossa victoria no anno 1710, contra o General Du Clerc, e sobre o resgate no successo do anno 1711, tomando Mr. Du Gay Trouin á mãos lavadas esta Cidade, nos obriga á pedir aos nossos Leitores, que leão sobre este ponto as Memorias escritas por Monsenhor Pissarro, pois assim conhecerá a exaggeração dos Escriitores Francezes, que pretendendo ellevar a gloria daquelle segundo General, occultaõ circumstancias bem ponderosas, que hoje são publicamente justificadas.

## NOTA (31)

DE ROMULO O SEPULCRO—He constante, que os Senadores Romanos á quem Romulo offendera nas suas regalias, trataraõ de se desfazer d'elle, e o assassinaraõ por occasiaõ de huma grande trovoadã, quando o viraõ desamparado pela sua guarda; fizeraõ depois crer ao povo, que Jupiter ao arrebatara aos Ceos, com hum

Raio, vindo assim á confirmar-se em boa critica, que Roma fora a sua sepultura.

---

NOTA (32)

**INCANSÁVEIS ANDRADES**—Contaõ-se muitos Governadores no Rio de Janeiro, desde Salvador Correa de Sá, que fora posto por seu Tio Mem de Sá, quando fundára a Cidade, como ja se dice; mas principiaremos agora por hum dos seus mais celebres Capitaens Generaes, que foi Gomes Freire de Andrade. Tomou posse no dia 26 de Julho do anno de 1773. Hindo para as Minas, que n'esse tempo tambem governava, ficou por elle encarregado do governo d'esta Cidade, Joze da Silva Paes, Brigadeiro, que viera de Lisboa para delinear as fortificaçoens. Embarcando este para a Colonia do Sacramento em huma das Náos, que foraõ soccorrer aquella Praça, entaõ bloqueada pelos Castelhanos, e retirando-se depois para a Corte, governou, e por muitas vezes, o Brigadeiro Mathias Coelho de Souza. O General Gomes Freire embarcou para o Sul em Fevereiro do anno de 1752 á dar execuçaõ ao Tratado de Limites assignado em Madrid no anno de 1750, como Plenipotenciario de S. Magestade Fidelissima, e n'esta auzencia ficou o go-

verno do Rio de Janeiro á cargo de seu Irmão Joze Antonio Freire de Andrade. Este, sem embargo de se achar entãõ em Minas, entrou logo á governar, conforme o Decreto de S. Magestade, que ordenava governasse esta Capitania debaixo da mesma homenagem. Em consequencia o Brigadeiro Mathias Coelho governou interinamente, e por seu falecimento, Patricio Manoel de Figueiredo.

Com a noticia da morte do Brigadeiro, desceo das Minas Joze Antonio Freire de Andrade, e persistio no Rio de Janeiro desde Setembro do anno de 1754, athé Janeiro de 1758, tempo em que seu Irmão voltou do Sul, e á quem S. Magestade havia creado 1.º Conde de Bobadella. Falleceo este grande General n'esta Cidade, deixando eternizado o seu nome na memoria de todos, pelos seus raros talentos, virtudes, desinteresse, e zelo incansavel no Serviço d'El Rey, que por isto mandou, que na salla da Camera d'esta Cidade se collocasse o seu retrato, com os seguintes dous versos para estimulo de todos os Governadores.—

“Arte regit populos, bello præcepta ministrat,  
“Mavortem cernis milite, pace Numam.”

Foi a sua morte no dia 1.º de Janeiro do annõ de 1763

tendo governado por quazi 30 annos. Sepultou-se no Presbiterio da Igreja das Religiosas de Santa Thereza de que fora Fundador. No dia antecedente ao da sua morte, declarou, que no Convento do Carmo se guardava a Via da successão no governo, que elle mesmo conduziria de Lisboa, e em virtude das ordens de S. Magestade alli declaradas, entraraõ á governar em Triumvirato.— O Excellentissimo e Reverendissimo Bispo D. Fr. Antonio do Desterro; O Illustrissimo Brigadeiro Joze Fernandes Pinto Alpoim; e o Illustrissimo Chancellor da Rellação Joaõ Alberto de Castello Branco.

---

NOTA (33)

CUNHAS—D. Antonio Alves da Cunha, 1.º Conde da Cunha, 1.º Vice Rey do Estado do Brazil com assento no Rio de Janeiro; tomou posse no dia 16 de Outubro de 1763. Cuidou logo na fortificação maritima; reforçou todas as Fortalezas, pondo-lhes maior numero de tiros; visitava com frequencia, e algúas vezes inexperadamente, as diversas obras publicas, ou por mar, ou por terra; construiu o deposito publico da polvora na

Ilha das Pombas, que por isto se ficou chamando Santa Barbara; estabeleceo na Fortaleza da Conceição a Fabrica das Armas, para o que trouxe com sigo de Lisboa hum Mestre Armeiro. No seu governo regularão-se as Tropas de Linha, vindo o General João Henrique Bohem, e os 3 Regimentos de Bragança, de Moira, e de Extremoz. Foi desinteressado e firme em todas as suas determinaçoens, e taõ justo, que fez passar para o Rio Grande o seu Ajudante das Ordens Alexandre Cardoso, por lhe constar, que abusava da sua autoridade, Foi rendido inexperadamente.

---

NOTA (34)

ROLIM—D. Antonio Rolim de Moira, 1.º Conde de Azambuja governando Matto Grosso, foi mandado descer para governar a Cidade da Bahia, e dentro em pouco tempo recebeu a Patente de Vice Rey e Capitão General do Estado do Brazil. Passou-se logo para o Rio de Janeiro, onde tomou posse no dia 17 de Novembro de 1767. O seu governo foi muito pacifico, e sem no-

vidade, que mereção transcreverem-se, pois que ao se genio sempre amante da paz, juntava-se o conselho sempre prudente do Chefe do Regimento de Moira, de quem muito confiava, Antonio Carlos Furtado de Mendonça. So governou dous annos.

---

NOTA (35)

ALMEIDA—D. Luiz de Almeida Portugal Soares Alarção Eça Mello Silva Mascarenhas. 2.º Marquez de Lavradio. Governou a Bahia, donde veio para o Rio de Janeiro, e tomou posse no dia 4 de Novembro do anno de 1769. No seu governo foi recobrada a Villa de S. Pedro do Rio Grande do Sul, occupada pelos Hespanhoes desde o anno de 1763. Esta expedição foi dirigida com muita prudencia do Vice Rey; embarcáraõ no Rio de Janeiro, no anno de 1774 como General, Joaõ Henrique Bohem; o Brigadeiro de Engenharia Jaques Funkis; o Regimento de Moira commandado pelo Sargento Mor Joze da Nobrega Botelho; o de Extremoz, pelo Brigadeiro Joze Raimundo Chixorro; o de Bra-

gança pelo Coronel Sebastião Xavier da Veiga Cabral ; o Regimento Velho pelo Tenente Coronel Manoel Leite Mexia ; algumas Companhias do Regimento Novo ; o Esquadrao da guarda do Vice Rey, e hum Parque d' Artilheria. A estas Tropas juntaraõ-se duas Companhias de Cavallaria de Voluntarios da Cidade de S. Paulo, e varias Companhias de Dragoens do Rio Grande, o que tudo produzio hum feliz rezultado no anno de 1775. Foi n'este governo que se calçaraõ as ruas da Cidade ; que se disciplinaraõ os Milicianos ; que o povo consideravelmente se pulho ; que se congregou huma Academia Literaria ; que a Agricultura offereceo em mais fructos, e em maior quantidade ao Comercio e á Navegação, &c. Governou quazi 10 annos.

---

NOTA (36)

VASCONCELLOS—Luiz de Vasconcellos e Souza, Filho do 1.º Marquez de Castello Melhor, morreo em Lisboa Prezidente do Real Erario, e 1.º Conde de Figueiro.) Tomou posse de Vice Rey n'esta Cidade no

dia 5 de Abril do anno de 1779. Conservou-se sempre com muito respeito e actividade ; interessou-se particularmente em aformosear a Cidade ; mudou o Chafariz do meio da Praça de Palacio, para junto ao mar onde agora existe, construiu o Caes, que bórda a frente do Paço e terreiro, fundou o passeio publico sobre hum grande allagadiço, que fez aterrar, pondo no fim da rua, que se abriu desde a sua pórtta, o Chafariz chamado das Marrécas ; perseguio os occiosos, fazendo-os recolher á huma caza na Ilha das Cobras, onde eraõ obrigados á trabalhar, os que tinhaõ officios, e á aprender, aquelles, que o não tinhaõ. Foi muito amante das Lettras, e com o patrocínio, que dava ao genio, conseguiu ellevar a industria á hum ponto de muita gloria. Protegeo os mais Sabios do Rio de Janeiro, que se haviaõ unido em huma Academia, a qual, posto que se dissolvesse no governo do seu Successor, deixou com tudo composições, que fazem sempre viva a memoria de Vasconcellos. Promoveo a plantaçoõ do linho canamo no Rio Grande, de que mandou para a Corte alguas arrobas, em sinal dos seus disvellos n'esta parte. Animou os trabalhos Quimicos, fazendo, que se escrevessem algúas memorias que correm impressas. O seu grande zelo pelo bem publico, apparecia nas prontas e sabias providencias, que se davaõ em qualquer aperto, sendo o mesmo Vice

Rey hum dos primeiros, que acodia aos incendios, que animava os trabalhadores, com a sua presença, aprovação, e respeito. Governou pouco mais de 11 annos.

---

NOTA (37)

CASTRO—D. Joze de Castro, 2.º Conde de Rezende. Tomou posse no dia 4 de Junho de 1790. Continuou por algum tempo a obra do caes, começada e adiantada pelo seu Antecessor; e, para acudir a esta despeza, deo Patentes de Capitaens, Tenentes, e Alferes, por quantias estipuladas, com o titulo de Officiaes do Caes, cujo dinheiro se applicava á aquella obra; o mesmo fez com as novas baterias de Santa Cruz da barra. Juntou huma Academia de Militares no Trém, onde se ensinavaõ as Sciencias necessarias aos Officiaes, contando-se no numero dos Discipulos, que a frequentávaõ, o Conde de Rezende D. Luiz, D. Joze, e D. Manoel. O genio d'este Vice Rey, melancolico, o fazia por muitas vezes inconstante nos seus projectos, mas nem por isso deixou de zelar a Real Fazenda, e de promover os interesses da Nação. Governou pouco mais de 10 annos.

## NOTA (38)

PORTUGAL—D. Fernando Joze de Portugal. Magistrado, Filho do 3.º Marquez de Vallença ; (morreo no Rio de Janeiro em Marquez de Aguiar, e 1.º Ministro de Estado.) Governou a Bahia, donde veio para esta Cidade, e tomou posse no dia 14 de Outubro de 1801. Governou com muita prudencia, foi amado em extremo, o povo respeitava as suas virtudes, e confiava na sua justiça. Voltando de Lisboa, no memoravel anno de 1808, foi logo creado 1.º Ministro de Estado. Ajudou ao seu Soberano no estabelicimento da Corte e Tribunaes, n'esta mesma Cidade em que fora Vice Rey ; a pezar dos seus conhecimentos, e longa experiencia, elle nunca deixou de consultar aquellas pessoas, em quem reconhecia talentos e probidade, fazendo athe mesmo conferencias em sua caza, para bem acertada direção dos negocios da Real Fazenda ; o merecimento éra para elle hum titulo de grande estimação, e a probidade tinha todo o seu respeito. Foi muito desinteressado, as suas virtudes publicas e domesticas, o fazem acredor de huma eterna saudade. Governou como Vice Rey pouco mais de 4 annos. Morreo no dia 26 de Janeiro do anno de 1817 está sepultado na Igreja dos 3<sup>os</sup> Minimos.

## NOTA (39)

NORONHA—D. Marcos de Noronha e Britto, 8.º Conde dos Arcos; chegando no dia 9 de Agosto de 1806 tomou posse no dia 21 do ditto mez e anno. Posto que o seu Vice Reinado fosse de muito curta duraçãõ, com tudo no breve tempo, que decorreo, desde a sua posse athe a chegada de S. A. R. com toda a sua Real Familia á esta Cidade, elle deo as mais decisivas provas de hum zelo activissimo, de huma prudencia consumada, e de huma inteireza superior á toda a expressãõ; o que bem se vio quando foi mandado fortificar a sua Capitania, no tempo em que a França obrigava a nossa Corte á fexar todos os seus Portos aos Inglezes. He impossivel descrever-se o enthnsiasmo, que este politico Vice Rey acendeo taõ prontamente nos povos desta Cidade e seus contornos, porque em poucos dias viraõ-se alistadas nas Companhias de Voluntarios, que elle formára, tanto de Cavalleria como de Infanteria, as pessoas mais distinctas e poderosas, athe cedendo de Patentes grandes, para terem praça de soldados, debaixo do commando de S. Excellencia. Todas estas disposiçoens foraõ interrompidas no dia 16 de Janeiro de 1808, pela chegada de hum Brigue Portuguez de guerra, que se adiantou á

esquadra, em que S. A. R. passava-se de Lisboa para o Rio-de-Janeiro; e então o zelo do incansavel Conde, todo se voltou para os preparativos, que eraõ necessarios á hum hospede de tanta grandeza. Elle teve a gloria de principiar á receber a sua Real Familia no dia 18 do mesmo mez. A sua actividade fez-se ainda bem publica na Cidade da Bahia, que passou a governar com Patente de Capitão General, onde a sua grande prudencia brilhou sobremaneira em circumstancias bem delicadas, e em muitos estabelecimentos uteis, que alli ou fundou, ou melhorou reformando. Por todos estes serviços elle foi chamado para Ministro do Ultramar, e Marinha, que principiou a exercer desde a feliz acclamação de S. Magestade.

---

NOTA (40)

**PELIAS**—Era filho de Neptuno e de Tyro, foi o mais cruel de todos os homens; usurpou os Estados de Eson; sacrificou sua Sógra a Juno, e mandou assassinar a mulher e filhos de Eson; excepto Jason, que foi escondido e criado em segredo. Este, tendo idade, tomou posse

do Reino de Iólcos, que lhe pertencia; mas foi induzido á conquista do Vellochino d'ouro por Pelias, persuadindo-se que morreria na empreza. Jason voltou triumphante com Medea, que punio Pelias de todos os seus delictos, filhos da sua desmarcada ambição. Buonaparte póde ser considerado em Pelias, muito principalmente quando pretendeo usurpar o Reino de Portugal, depois de haver usurpado o da Hespanha e outros. O Nosso Augusto Soberano, ainda que com respeitosa differença, póde ser visto em Jason, não só sahindo fora do seu Reino, mas ainda fazendo voltar a sua força, não ajudado de Medea, mas sim da Gram Bretanha, contra o terrivel usurpador; e daqui seguiu-se a completa restauração de Portugal, que Pelias, ou Buona parte, com as suas argucias do costume, chamava seu, na auzencia do seu legitimo Soberano.

---

NOTA (41)

**HORRENDA TEMPESTADE**—Ou se considere a tempestade politica, que pela Revolução da França, se formou nas margens do Sena, e espalhando-se por toda

a Europa veio por fim afligir o Reino de Portugal, em Novembro de 1907, ou mesmo a tempestade physica, que parecia fechar o Tejo e os Mares, nos ultimos dias d'aquelle mez, e que só parou no dia 29, em que o Principe Regente com toda a sua Real Familia principiou a sua viagem para o Rio de Janeiro, sempre fica verdadeiro o pensamento, de que aquelle dia foi o primeiro, em que desandou a rôda da fortuna ao General feliz. Os effeitos confirmaõ esta assersaõ, e os Politicos jamais poderaõ negar, que Portugal fôra o primeiro escólho, em que tropeçára a impetuosa e não interrompida torrente de victorias, espraiando-se, e por isto mesmo enfraquecendo-se athe sumir-se no Oceano da paz.

---

NOTA (42)

VEJO HUM REY ACCLAMAR-SE—Reprimimos difficulosamente o enthusiasmo á que nos-arrebata a consideração da Gloria do Brazil, desde o memoravel dia 7 de Março de 1808 em que foi ellevado a Corte, pela chegada do Seu Soberano; apontamos só as principaes epocas da sua Grandeza. Agora fallamos da Carta de

Lei do dia 15 de Dezembro do anno de 1815 pela qual o Brazil foi ellegado á graduacão e categoria de Reino, juntando-se, em consequencia d'isto, as Armas de Portugal, que são as Quinas, as do Algarve, que são os 7 Castellos, huma Esphera, que éra a do Senhor D. Manoel, antes de sobir ao Throno, tudo em hum so escudo, realizando-se por isto o titulo, que entã tomára o Nosso Augustissimo Soberano de Rey do Reiuo Unido de Portugal, Brazil e Algarves.

---

NOTA (43)

VEJO HUM REY ACCLAMAR-SE—Allude-se á gloriosa Acclamação do Senhor D. Joaõ o 6.º no dia 6 de Fevereiro do anno de 1818. Foi a primeira vez que o Brazil vio este Acto magestoso, e reahindo a Coroa dos Affonços sobre hum Soberano taõ amado de todos os seus vassallos, pelos beneficios da sua feliz Regencia, ouviraõ-se applausos, que vaõ muito além de toda a expressãõ; nem admira, que alheados os Portuguezes por huma alegria taõ digna dos seus coraçõens, ainda hoje

vejaõ na Constellação do Cruzeiro do Sul, huma figura da prodigiosa Cruz, que no Campo de Ourique assegurára a perpetua estabilidade dos Nossos Reis.

---

NOTA (44)

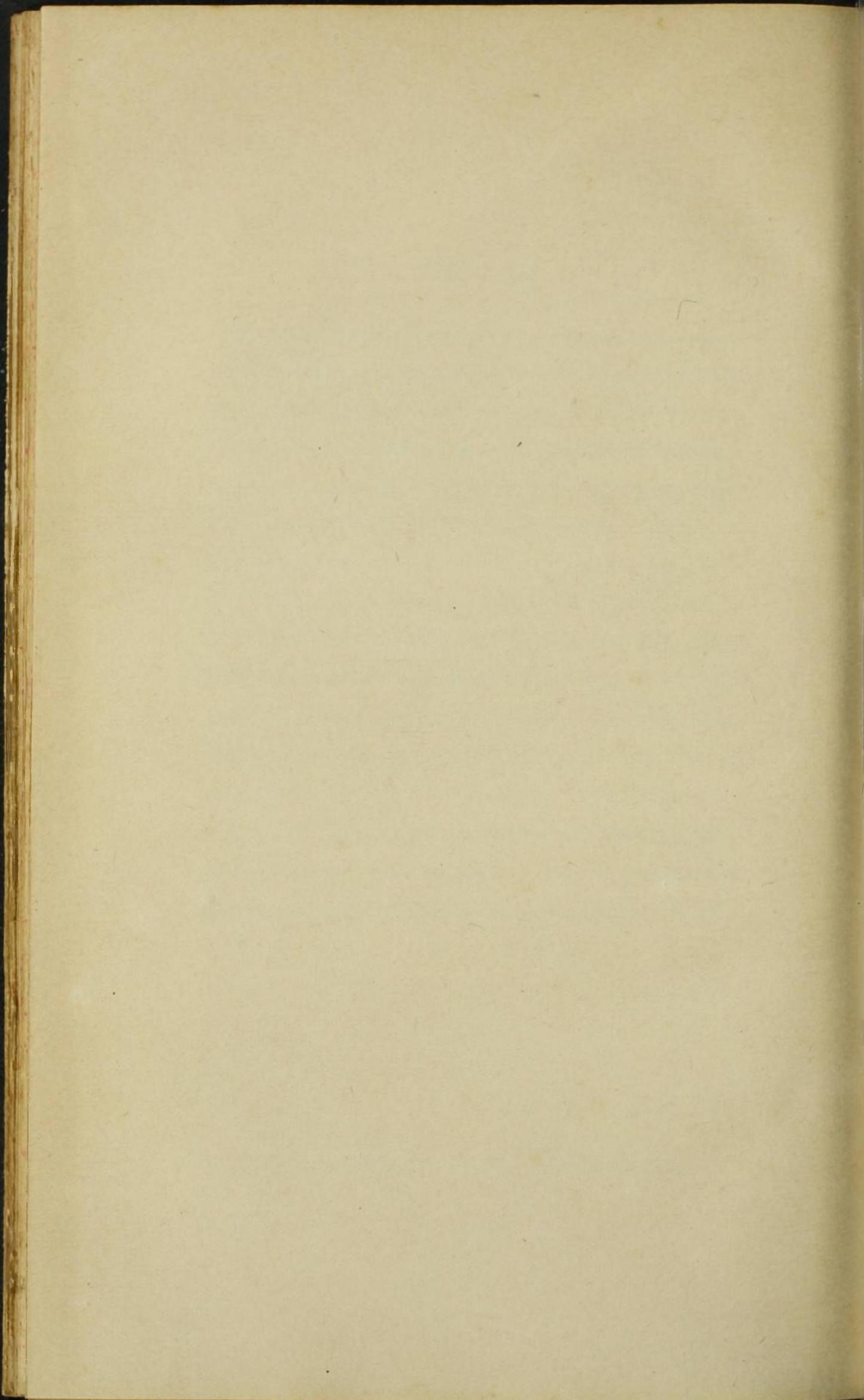
NOVA ESTRELLA—A Serenissima Senhora Maria Carolina Josefa Leopoldina, Archiduqueza d'Austria, Filha do Imperador Francisco 2.<sup>o</sup> cazando-se por Procuração em Vienna d'Austria com o Serenissimo Senhor Principe Real D. Pedro de Alcantra, no dia 13 de Maio de 1817, em que celebramos o Natalicio do Nosso Augusto Reinante, chegou a' este porto, (havendo embarcado em Liorne) no dia 5 de Novembro do mesmo anno ; desembarcou no seguinte, e foi pomposamente conduzida á Real Capella, onde o Excellentissimo Bispo Capellaõ Mor lhe lançou as Bençaõs Nupciaes. A sua grande Prudencia, que a faz taõ digna do Amor do Seu Serenissimo Espozo, como do respeito de todos os Portuguezes, obriga-nos á confessar pequenos, todos os elogios, que lhe consagramos.

## NOTA (45)

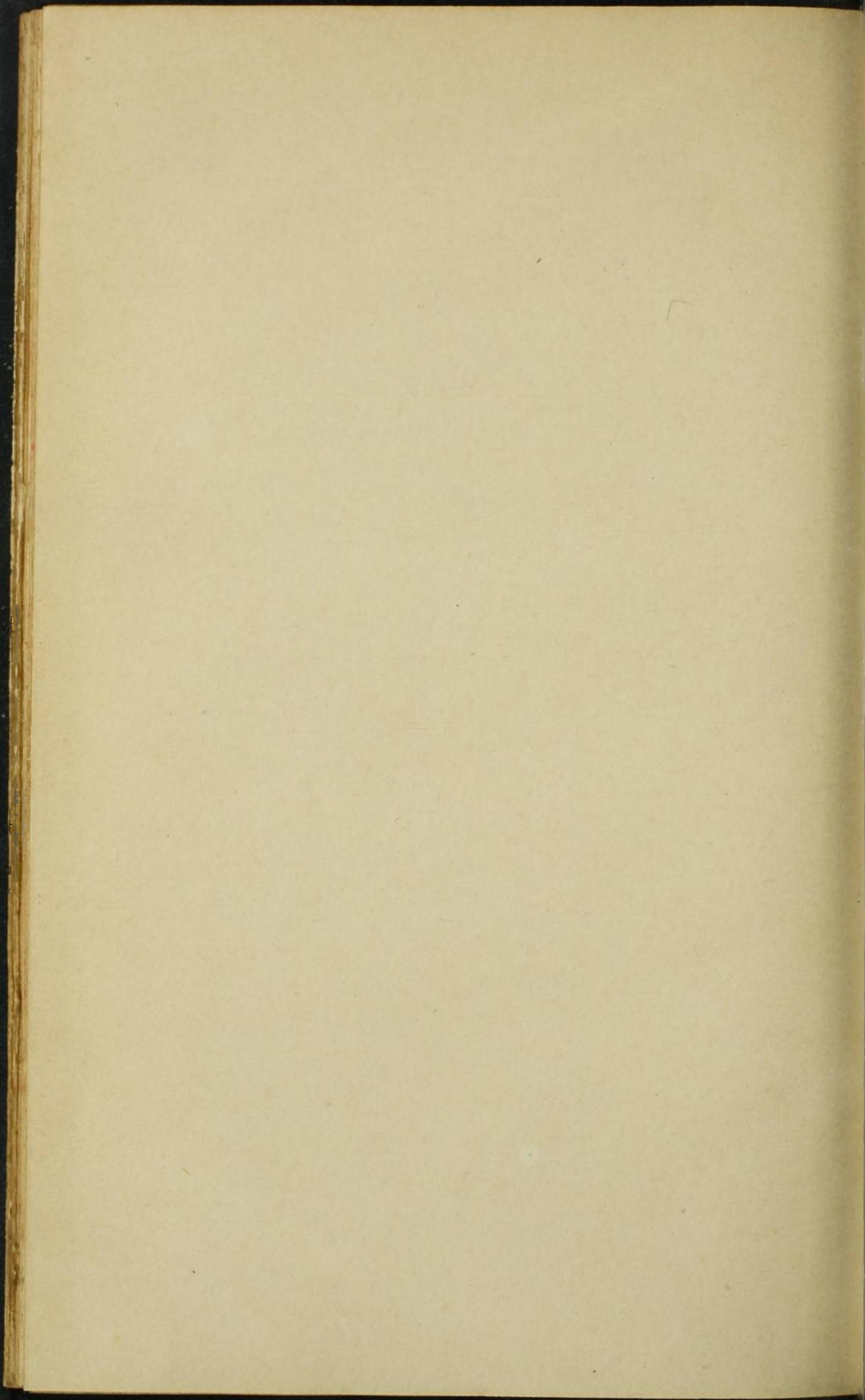
**PENHOR AUGUSTO**—O Ceo coroando os merecimentos do nosso, por tantos titulos, Estimavel Principe Real, dando-lhe huma Consorte em quem vemos reproduzidas as preciosas virtudes da Senhora D. Marianna d'Austria, que tanto concorrera para o feliz Reinado de seu Esposo o Senhor D. Joaõ o 5.º. coroou tambem os nossos votos no dia 4 de Abril do anno de 1819 concedendo-nos a Serenissima Senhora Princeza da Beira D. Maria da Gloria, Primogenita de SS. AA. RR. Primeira que honrou a Cidade do Rio de Janeiro, ellevando-a á dignidade de Patria de Grandes Principes, e dando-nos motivo, pela circumstancia do seu Sexo, e do seu Nascimento, que ja lhe concede no futuro a Coroa e o Sceptro dos Seus Avós, em quanto não somos de novo abençoados com hum Principe Varaõ, á recordarmos nos das virtudes e feliz Reinado da Senhora D. Maria 1.<sup>a</sup>

FIM.











001048







